

estreito, acanhado. Quase sem opção pela abertura em que existe.

Num primeiro exame, a capacidade de consumo é primordial. Ela incide no que as famílias dos trabalhadores podem despende para comprar e disso viver. Há uma renda pré-determinada a ser gasta na forma de salários. Todavia, surgiu um atrapalho extemporâneo na possibilidade desse gasto se materializar em compra de mais mercadorias. Persiste uma inflação relativamente elevada que contribui para reduzir essa capacidade de consumo, corroendo a renda do trabalho. Essa inflação se reflete principalmente nos alimentos que aumentaram muito de preço, em função dos desequilíbrios climáticos fora do padrão esperado que já se instalaram planetariamente. Os hortifrutigranjeiros são os mais afetados. Os cereais sofreram com as quebras nas safras. O milho é o melhor exemplo, do qual se obtém a mais extensa cadeia industrializada de alimentos. A alta nos gêneros alimentícios impõe uma limitação ao gasto salarial dos trabalhadores de renda mais baixa, presos à necessidade mais urgente da compra de comida. Em contrapartida, os produtos industriais não requisitam nem sol, nem chuva. Eles caem de preço. Basta aumentar a produtividade. Porém, o principal é comer. É aí que se compromete a fração mais substancial da renda das camadas mais pobres e majoritárias da população. Consiste uma barreira ao crescimento. E com a comida encarecida, a mão-de-obra também encarece em certa medida. E há outro foco de inflação na prestação de serviços. Por isso, há dois pontos de convergência de inflação: a dos alimentos, como expressão de elevação do custo de produção; e de prestação de serviços de diversas naturezas, como resultado de salários aumentados acima da inflação e da produtividade. Os outros focos inflacionários que compõem a totalidade da aferição trazem menor preocupação.

Um incentivo relevante para a classe trabalhadora mais pobre foi o programa Bolsa Família, como instrumento de distribuição de renda. É uma política de governo de injeção proposital de renda para fomentar o consumo. Como a classe trabalhadora brasileira é muito pobre, pobreza essa que se arrasta desde séculos, o meio que se encontrou até agora de conseguir promover uma maior participação na renda foi pela assistência social. Não foi pela via do mercado. O mercado tem acirrado a concentração. Contudo, também encontra rápida limitação dado que as faixas de renda que atinge o Bolsa Família com os respectivos benefícios são de pessoas muito pobres. Quer dizer que com renda baixa e inflação elevada quase não sobra renda. Essa é gasta com mercadorias essenciais. O programa Bolsa Família é um amenizante, no momento indispensável. É uma adaptação às circunstâncias. Portanto, para se fazer algum gasto maior com o conforto e bem estar, quase não há como escapar do endividamento. A família rapidamente se endivida pela concessão do crédito em níveis perigosos. A prestação de uma geladeira, máquina de lavar ou mais algum outro eletrodoméstico facilitador das lides do cotidiano pode danificar o orçamento. E com a dita inflação alta nos alimentos, as limitações são ainda maiores. Facilmente a capacidade de compra alcança um teto difícil de ultrapassar. Nesse sentido, as expectativas de crescimento do

SILVEIRA FILHO, J da. Perspectivas de Crescimento do Capitalismo Brasileiro para 2014. Janela Econômica, ano 9, nº2, fev, 2014.

PIB são muito modestas a partir com exclusividade do consumo interno.

Algumas instituições acompanham a capacidade de endividar das famílias por meio de indicadores sociais que mapeiam endividamento e inadimplência. A Confederação Nacional do Comércio realiza pesquisas em todas as capitais de Estados e em todos os meses para servirem de orientação e precaução ao planejamento de vendas futuras do comércio varejista. Em levantamento realizado em 2013, números ainda frescos, as estimativas apontam que o endividamento maior reside nas famílias que ganham menos de 10 salários mínimos. E surgiu uma notícia favorável, apesar do crescimento do endividamento e inadimplência. Na comparação com o ano de 2012, o número de famílias sem condições de pagar seus débitos recuou. Era de 7,3% em fevereiro de 2012, e caiu para 7,0% em 2013. E a proporção do número de famílias altamente endividadas declinou de 12% em janeiro de 2013, para 11,8% em fevereiro de 2013. Quer dizer que para o comércio o saldo é ainda favorável. É possível prosseguir com aumento das vendas, porém com modéstia. Pode ser que as famílias dos trabalhadores estejam aprendendo a gastar e não se atirem mais tão afoitamente em prestações como tentação sem ponderação instigadas pela propaganda. Estão mais precavidas. O consumo não terá muitas condições de aumentar, mesmo porque o crédito está dispendioso. Então, não se pode esperar crescimento expressivo originário do consumo interno, não obstante ele represente em média 60% do total do PIB.

Outros 20% muito importantes do PIB estão no quesito “gastos do governo”. Aqui, se encaixa o dispêndio nas transferências de impostos com aposentadorias e pensões. E é importantíssimo o gasto com o reajuste dos aposentados das camadas inferiores de renda, acompanhando o aumento do salário mínimo acima da inflação. As camadas inferiores próximas do gasto com o salário mínimo é de aproximadamente 65% da totalidade dos benefícios pagos. Há também o Fundo de Assistência ao Trabalhador (FAT) quando o trabalhador sofre desemprego. E os remédios caros para doenças graves distribuídos gratuitamente à população, como os de pressão alta, diabetes,... Tudo isso é gasto público para apoiar e preservar a renda da classe trabalhadora. E precisa permanecer como está para o ano de 2013 e 2014. Não apenas pelo fato das eleições, mas por ser uma necessidade social urgente das famílias mais pobres.

Agora vem outro gasto essencial: o investimento. Esse envolve de 16 a 17% do PIB. O presente ano será de eleições e Copa do Mundo. As eleições são muito mais importantes e valiosas do que a Copa do Mundo. Nesse sentido, as obras mais importantes, especialmente as de mobilidade urbana, terão liberação de recurso garantida pela União. E as obras da Copa do Mundo entram em fase de conclusão, cessando dispêndios. Por incrível que pareça, o que o Governo consegue direcionar de recursos são apenas 10 a 20% desses 16 a 17%. E nesses 10 a 20% se localizam o grosso da corrupção nas licitações e na ganância pelos desvios de

SILVEIRA FILHO, J da. Perspectivas de Crescimento do Capitalismo Brasileiro para 2014. Janela Econômica, ano 9, nº2, fev, 2014.

dinheiro público. Os restantes 80 a 90% do investimento são decisão partilhada entre capital privado nacional e internacional. O capital privado nacional encolheu extraordinariamente em relação ao capital internacional. A grande empresa tanto estatal quanto privada nacional foi comprada em grandes levas em quase todos os ramos pelo capital internacional. Os ramos verdadeiramente dinâmicos do capitalismo brasileiro que envolvem alta tecnologia estavam, continuam e aumentaram em mãos estrangeiras. Quer dizer, a decisão de investir depende das estratégias de expansão do capitalismo internacional e do que restou do capital privado nacional. Muitas estatais estratégicas para o crescimento de longo prazo foram vendidas ou quase doadas, e diversas marcas nacionais desapareceram e delas sequer há de ficar lembrança. Eis algumas, citadas em artigo anterior: Brastemp, Arno, Cônsul, Wallita, Semp, Kibon, Prosdócimo, Mate Leão, FNM, Sharp, CCE, Sid Informática, Gradiente, Todeschini e um rosário delas foram compradas. Até os jornais brasileiros já evidenciam o domínio do capital estrangeiro. Então, acompanhados de cadernos de leitura diários do Wall Street Journal, New York Times e outros. Sinal de fragilidade. A decisão da empresa multinacional e nacional em investir envolve o tamanho da renda da população com sua capacidade de consumo em diversas faixas e as perspectivas de lucro do capital empatado. O consumo está em arrefecimento e quase estagnação, portanto sem perspectivas de vendas expressivas, não existem justificativas palpáveis para o empresário capitalista querer lucrar nem investir num prazo mais alongado. Ele retrai o investimento, demite na margem para evitar custos trabalhistas e espera oportunidade futura de maior rentabilidade. Haverá convivência com um desemprego maior, embora ainda sob controle.

Agora, sobraram as exportações e importações. Pode-se aqui lidar com um saldo do que sobrou da subtração de exportações menos importações. Isto fecha em 3-4% do PIB, que somados aos demais percentuais médios supracitados (60% de consumo das famílias + 20% de gastos de governo + 16-17% de investimento bruto + 3-4% de saldo comercial) completam 100% do PIB. As exportações dependem do nível de crescimento da economia mundial que mais do que nunca está agora nas mãos da China, a próxima locomotiva do mundo que vai desbancar em mais 10 anos a locomotiva atual, os EUA. O patamar que atingir o dólar será decisivo para expandir o valor das exportações brasileiras. Entrementes, as exportações dependem do valor e da quantidade a ser vendida no exterior. O valor exportado se liga à taxa cambial, atualmente cravada em R\$ 2,40 por dólar. Quanto mais subir o dólar mais ganham os exportadores, mas isso não quer dizer necessariamente novos investimentos, dado que a quantidade vendida requer aumento das compras do mundo afora. E com o dólar em alta há reflexo na majoração das mercadorias importadas importantes, como o trigo, por exemplo. Metade do trigo brasileiro é importado. Um aumento súbito no preço do trigo, encarece a bolacha Maria aqui dentro. Não obstante, o consumo externo via exportação precisa aumentar como auxiliar do consumo interno na geração de emprego e renda. Porém, tanto Europa quanto EUA enfrentam graves dificuldades de expansão. Enquanto o Brasil vegeta no subconsumo,

SILVEIRA FILHO, J da. Perspectivas de Crescimento do Capitalismo Brasileiro para 2014. Janela Econômica, ano 9, nº2, fev, 2014.

Europa e EUA se debatem com a dificuldade de incrementar um consumo acima de um patamar bem mais elevado do que é de hábito conhecido por este primeiro mundo. Um peca pela falta, ou outro pelo excesso.

Portanto, numa previsão otimista, o crescimento econômico brasileiro em 2014 pode se localizar na faixa de 2 a 3% ao ano, o que ostenta uma façanha no contexto atual em que os estímulos ao consumo interno estão se estagnando. Não há grande espaço para ampliação do consumo interno das famílias nem das exportações. Evidencia o fim de um ciclo de crescimento capitalista de 10 anos alcançando o pleno emprego no período de 2002 a 2012. Uma taxa de crescimento econômico dentro dessa previsão citada de 2 a 3% já está próxima do crescimento populacional em torno de, no máximo, 1,2% ao ano segundo estimativas do IBGE. Em 2015, não há eleição, nem Copa do Mundo. Então, a taxa de crescimento do PIB pode cair na faixa de 1 a 2% ao ano ou menos. A inflação nos alimentos veio para ficar e a distribuição de renda perversa no capitalismo brasileiro prossegue apenas tendo como arrimo e amortecedor o programa social Bolsa Família e os gastos com a previdência social e fundos de provimento de desempregados.

O consumo interno é o principal componente de preservação do emprego. Se o desemprego ainda é baixo é por que a atividade de produção e consumo está sendo sustentada como num muro de contenção pelos programas sociais, que transferem renda do imposto para os trabalhadores. Enquanto isso se mantiver, os salários podem se manter com ganhos salariais superiores à inflação, em razão do emprego que se mantém. Se o desemprego se manifestar com intensidade já um pouco maior, não há como os sindicatos pleitearem salários melhores. A correlação de forças pende para o capital que tem à disposição um exército de desocupados que pode contratar a preço inferior ao usual.

Por conseguinte, seja quem for o próximo presidente da República, há de governar contra a parede na fase de descenso capitalista de talvez outros 10 anos de ciclo econômico de retração, ou reduzido crescimento da atividade econômica. Serão anos difíceis em que a classe trabalhadora mais pobre precisa cuidar com redobrada atenção de seu salário, de garantir primeiro a compra de comida, evitar todo e qualquer desperdício, unir a família para saber em que deve gastar, um dando força e estímulo para o outro num agir em uníssono. Deve ficar atenta politicamente para não perder o Bolsa Família e os programas de preservação da renda. É o possível de se fazer no momento histórico presente. É a luta do momento. Serão anos difíceis. Viver no capitalismo é isso mesmo. Conviver com a instabilidade. E matar um leão por dia em sacrifícios.

SILVEIRA FILHO, J da. Perspectivas de Crescimento do Capitalismo Brasileiro para 2014. Janela Econômica, ano 9, nº2, fev, 2014.

REFERÊNCIAS

PERFIL DO ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS EM 2013. Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Disponível em: <<http://www.cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/pesquisa-nacional-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumido-20>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS 2013 – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2013/>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.